

A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA NOS ECRÃS: NOVAS PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES

José Pinheiro Neves*

Introdução

O corpo humano, embora seja um elemento central no domínio dos estudos culturalistas, tende a ser paradoxalmente esquecido quando fazemos a recensão dos trabalhos na área dos “Estudos da comunicação”. Talvez devido às suas ligações históricas com a semiótica e a linguística, o modelo linguístico tende a dominar os trabalhos de investigação. Apesar das tentativas de vários autores, os estudos das percepções, nomeadamente as que reflectem a actividade perceptiva associada às novas tecnologias de informação e comunicação como os ecrãs dos computadores, estão centrados nas questões de leitura, como é o caso dos estudos da produção e da recepção ou através da análise do discurso. Por outro lado, a tradição sociológica nos estudos da comunicação preocupa-se, quase exclusivamente, com as componentes sociais como é o caso dos *cyberstudies*.

Contudo, uma outra perspectiva está emergindo. Brian Massumi é muito claro nesta sua denúncia do que falha nos modelos semióticos:

Although the body has been the focus of much contemporary cultural theory, the models that are typically applied neglect the most salient characteristics of embodied existence — movement, affect, and sensation — in favour of concepts derived from linguistic theory. [...] The body and media such as television, film, and the Internet, [are] cultural formations that operate on multiple registers of sensation beyond the reach of the reading techniques founded on the standard rhetorical and semiotic models (Massumi, 2002: 2).

Massumi inscreve-se numa longa descendência. De facto, pensamos que uma nova linha se abre com os *New Media Studies* (ver o texto de Zara Pinto-Coelho neste livro). Por outro lado, a área da sociologia e da filosofia da técnica mostra uma abertura a esta nova abordagem a partir de autores como Mario Perniola, Paul Virilio, José Gil e Gilbert Simondon, como veremos em seguida.

* jpneves@ics.uminho.pt

Iremos, nesse sentido, desenvolver apenas três contribuições que nos parecem decisivas para este debate: em primeiro lugar a de Mario Perniola sobre o papel cada vez mais relevante do inorgânico na percepção humana, a de José Gil sobre a distinção entre “ver” e “olhar”, inspirado em Merleau-Ponty, e, finalmente, a de Gilbert Simondon acerca das novas abordagens interdisciplinares da percepção¹.

Perniola e a mescla de orgânico com inorgânico

Perniola parte de uma observação de Walter Benjamin. Segundo este autor, a moda é, de uma forma crua, considerada o “sex appeal do inorgânico”². A moda, ou seja, as mulheres com os seus vestidos, que ele observa nas ruas de Paris, representam o triunfo da forma sendo o corpo, aparentemente, um resto: estamos assim no começo da mescla entre coisas inorgânicas e orgânicas. Por isso, há um *sex appeal* que vem de algo que já não é apenas o corpo mas esta conjunção, este *cyborg* emergente.

Com a expansão destas mesclas por todo o lado com as novas tecnologias da informação e da comunicação, a intuição de Benjamin ganha uma outra acutilância. Não existindo um centro definido de subjectividade, um centro do sentir, abre-se esta possibilidade: será que nós, seres humanos, começamos pouco a pouco a ser também uma parte de inorgânico? Um quase inorgânico?

O *cyborg* filosófico-sexual apresenta uma sociabilidade intrínseca, que todavia não depende da intersubjectividade, mas de uma relação de interfaces, que interage não entre dois sujeitos mas entre duas quase coisas» (Perniola, 2004: 37).

Um *cyborg* que assume a ideia de que os nossos interfaces quotidianos, nas nossas carnes, também são eles interfaces de misturas de orgânico/inorgânico. Ou melhor, a fronteira em que assentamos a nossa certeza cartesiana está ela própria baseada em pés de barro como mostram igualmente os trabalhos recentes do neurologista António Damásio.

De facto, a nossa experiência de “cyborg” não é estranha ao ser humano. Já antes, como vimos atrás, Walter Benjamin tinha sublinhado que a experiência da modernidade apontava para essa cada vez maior reificação: estamos imersos em mesclas de *cyborg*. Estamos todos cada vez mais mergulhados numa

¹ Este texto baseia-se num artigo meu publicado na revista Logos (NEVES, 2008).

² Benjamin, Walter, 1982, *Das Passagen-Werk*, Frankfurt a. M., Suhrkamp; trad. it., 1986, *Parigi, capitale del XIX secolo. I passages di Parigi*, Torino, Einaudi. 1982, p. 124 citado por Perniola (2004).

“mescla entre a dimensão humana e a dimensão «coisal», através da qual, por um lado, a sensibilidade humana se reifica e, por outro, as coisas parecem dotadas de uma sensibilidade própria. [...] Com efeito, o inorgânico não é unicamente o mineral, mas também o cada-vérico, o mumificado, o tecnológico, o químico, o mercantil, e o fetiche: também este se materializa, se transforma em algo de abstracto e de incorpóreo, sem por isso se transformar em qualquer coisa de imaginário ou irreal; assim, por detrás de todas estas configurações do inorgânico opera o paradigma daquilo que é maximamente real e efectivo, e que é o dinheiro [...] envolvendo, com laços inextricáveis, sexualidade, filosofia e economia” (Perniola, 1998: 175).

Por outro lado, o que nos diz Perniola assume um outro estatuto que não se confunde com os discursos eufóricos do pós-humano:

na medida em que o utente é transformado num cibernauta que navega na realidade virtual, ele aprende a perceber o próprio corpo real como uma coisa senciente, não essencialmente diversa das paisagens quase sencientes das arquitecturas electrónicas (Perniola, 2004: 83).

Não há dicotomia total e clara entre o homem (centro da subjectividade) e as arquitecturas electrónicas normalmente apresentadas como desumanas e ameaçadoras da “humanidade” ou, no seu oposto pós-humano, como motivo de uma euforia. O corpo real, sentido pelo cibernauta, é também já um senciente (*feeling*) que não é centrado na ideia da unidade do eu. Já é outra coisa: são *feelings* em que o senciente (*feeling*) de um e do outro lado não são essencialmente diferentes. Desta forma, até mesmo a noção de fronteira entre orgânico e inorgânico é abalada ou, pelo menos, repensada.

O mesmo afirma Paul Virilio (1988: 17-20) quando nos desmonta a noção de representação do real na fotografia. No fundo, o que denuncia em relação às imagens das próteses (fotografias, televisão, etc.) já existe potencialmente em todo o acto técnico tal como nos é revelado por Perniola. A descolagem retiniana provocada pela prótese da máquina fotográfica, na medida em que perde o referencial da relação na duração temporal e com a sua topografia, já existe em toda a técnica. Por isso, o carácter inorgânico da visão externa é internalizado. Como diz Perniola, alargando a intuição de Virilio, não é apenas o olhar mas o próprio sentir, o “*feeling*” inorgânico que molda o nosso olhar.

José Gil e as pequenas percepções

O conceito de percepção ligado ao corpo parece ser central nestas novas abordagens. Para isso, o pensamento de José Gil poderá dar-nos algumas achegas importantes.

Começando por reflectir a percepção estética com a ideia das pequenas percepções, sugere que se pode alargar o seu pensamento à experiência perceptiva quotidiana. Assim, em vez de falar da percepção como uma experiência perceptiva coerente, assente “numa consciência e sujeito uno, operador de sínteses cognitivas fundamentais”, passa-se a ter como ponto de partida uma experiência múltipla e contraditória baseada em pequenas percepções que se situam já no limite do consciente (Gil, 1996: 10). Abandonase a noção de um sujeito cartesiano consciente e uno – individualizado na sua identidade — para se partir de uma lógica individuante e múltipla.

Na verdade, a noção de dependência em relação aos ecrãs pode ser repensada à luz do trabalho de José Gil e da sua noção de “pequenas percepções”. Já não se pretende estudar fenómenos estranhos e patológicos, mas antes criar conceitos que permitam entender a nossa percepção quotidiana com os diferentes ecrãs.

O conceito de osmose (cf. Duchamp) reflecte o carácter compulsivo e quase não consciente. “Caracterizamos este “não consciente” como próprio de fenómenos de limiar (*edge-phenomena*)” (Gil, 1996: 11). Assim, toda a nossa experiência quotidiana é atravessada por estes processos de osmose em que as imagens contêm uma carga inconsciente de sentido — a actividade verbal é quase nula³. São as imagens ainda despojadas de sentido, ainda não aprisionadas por signos linguísticos, as imagens nuas.

Qual a diferença de José Gil em relação à tese tradicional de Merleau-Ponty? O objectivo inicial de Merleau-Ponty era evidente. “Trata-se em o Visível e o Invisível (*Le Visible et l’Invisible de Merleau-Ponty*) de ‘superar’ a fenomenologia, em particular a da percepção. [...] A dificuldade vinha da ligação que a noção de experiência estabelece entre os sentidos e a consciência. (GIL, 1996: 24).

No entanto, a tentativa de Merleau-Ponty é incompleta. Falta dar um passo. “A visibilidade secreta, a visão de dentro que atapeta a visão de fora não possui [em Merleau-Ponty] um estatuto claro” (Gil, 1996: 33).

Talvez estas dificuldades de Merleau-Ponty se liguem ao facto de ele não distinguir o olhar da visão (Gil, 1996: 47). Para ver, é preciso olhar; mas pode-se olhar sem ver. Pode-se até ver mais, olhando; não só receber estímulos, descodificá-los (ver), mas fazer intervir o corpo na paisagem. Ou seja,

³ Ver Sigmund Freud e o ensaio sobre inconsciente referido por José Gil (1996: 14).

“entre o ‘ver passar barcos’ e ‘olhar os barcos que passam’, há a diferença entre a distância (entre o sujeito e os barcos) e uma subtil aproximação (de qualquer coisa que vem da passagem dos barcos para aquele que olha, e que determina a sua atitude).” (Gil, 1996: 48).

Mais à frente, o autor clarifica a noção de olhar.

“Olhar — não ver, unicamente — é dizer as coisas — não ainda nomeá-las — construindo um continuum articulado na visão maciça; é fazer irromper movimentos imperceptíveis entre as coisas, juntá-las em unidades quase discretas, amontoados, aglomerados, tufos, abrindo na paisagem brechas imediatamente colmatadas pelas pequenas percepções que compõem as articulações insensíveis” (Gil, 1996: 52).

O que Gil sublinha é essencialmente a noção de sensação pura. Uma percepção visual pura, anterior ao ver, um olhar apenas. Um olhar que esquece (coloca entre parêntesis) o que está significando, a intenção, o sentido. Fica-se pelo fluxo, pela folha cheia de letras sem qualquer significação linguística.

O ver, pelo contrário, já padece de uma espécie de vício mental. Dessa actividade fervilhante e muitas vezes entrópica. Focaliza, delimita, organiza, pré-condiciona o acto, a percepção visual.

Veremos, em seguida, como Simondon (2006), numa obra baseada nas suas aulas sobre a percepção, não se preocupa em definir objectivamente a percepção nem em encontrar os invariantes de uma aproximação fenomenológica. Na mesma linha de pensamento de José Gil, este autor não se deixa seduzir por uma visão objectiva que daria conta do papel da percepção no conhecimento e que este teria um papel essencial na nossa relação com a realidade.

A contribuição de Gilbert Simondon

Antes de apresentar a forma como Simondon aborda a questão da percepção, vejamos os principais eixos da sua obra inovadora. Duas linhas fortes organizam, sem dúvida, o pensamento de Simondon. Rejeita, por um lado, a noção antropocêntrica da existência de uma unidade humana colocando em causa a noção de indivíduo finalizado, utilizando o conceito individuação. Com este termo, Simondon não pretendia uma especialização ou aproximação entre disciplinas de fronteira — uma sociologia micro ou uma psicologia do social. Defendia que as formas herdadas da

filosofia, desde Platão e Aristóteles, atravessavam tanto a psicologia como a sociologia e, até, as próprias ciências da natureza. Em segundo lugar, pensava também que era necessário renovar esse pensamento a partir de novas ciências tais como a cibernética e a termodinâmica. Numa palavra, os dados deste problema necessitavam de ser repensados.

Assim, Simondon encara a individuação como um processo em que constantemente se *in-divide* e divide. Para entender a individuação do humano, este autor viu-se obrigado a demandar outros lugares tais como: na cibernética, na física, na biologia, etc. Implicou também o recurso a autores da filosofia e antropologia tais como: Espinosa, Henri Bergson (2001), Merleau-Ponty (1964) e André Leroi-Gourhan (1964), etc. Desta mistura extraiu os conceitos de ontogênese/individuação, transdução, informação/forma, meta estabilidade e campo de energias potenciais. Uma autêntica filosofia da natureza pré-newtoniana.

Considerou, por isso, necessário colocar em causa as noções clássicas do conhecimento usando a transdução, inspirada na área da Biologia. Com efeito,

“a transdução permite compreender as condições sistemáticas da individuação, a ressonância interna, a problemática física. Logicamente, ela pode ser usada como fundamento de uma nova espécie de paradigmatismo analógico, para passar da individuação física à individuação orgânica, da individuação orgânica à individuação física, e da individuação psíquica ao trans-individual subjectivo e objectivo, o que permite definir o plano desta pesquisa” (Simondon, 1989: 26).

Desta forma, com este novo instrumento de conhecimento, era possível retomar uma nova aliança entre o conhecimento dito filosófico de tipo holístico e um novo conhecimento físico do mundo da natureza.

Assim, Simondon valoriza a abordagem biológica (as condutas auto-cinéticas como relevando a importância da motricidade em relação à sensibilidade) como ponto prévio de qualquer estudo da percepção ao mesmo tempo que sublinha a importância das descobertas da psicologia, nomeadamente a noção de *gestalt* e a importância do contexto. Em seguida, defende que uma das grandes condicionantes da percepção é, sem dúvida, nos tempos modernos o contexto técnico. Por isso, torna-se necessário conhecer a significação da percepção e as suas consequências para a actividade técnica. Ver o que se passa numa situação de contexto técnico predominante em que a manipulação operatória predomina na percepção:

As investigações sobre a tecnologia humana (Faverge, Ombredane, Leplat) acentuaram a importância, na execução de uma tarefa, da informação retirada de fontes não previstos pelo construtor da

máquina, o organizador do posto de trabalho, ou simplesmente pela descrição tecnológica racional da operação; muitas vezes as **fontes reais de informação estão mais próximas da manipulação operatória, mais concretas, mais directamente ligadas à actividade que as fontes teóricas; nesse sentido, elas fornecem um feed-back mais contínuo pois não necessitam do recurso a um atitude de tomada de informação separada do objecto sobre o qual o operador trabalha** (Simondon, 2006: 577-578 [negrito da minha responsabilidade]).

A partir do momento que se abandona um contexto quase totalmente étnico (ou social), é necessário estudar os processos como a percepção se molda, como reage em termos de actividade neste novo contexto emergente (Simondon, 2006: 371-388).

Na história moderna da percepção, abandona-se a ideia de percepção como instrumento (Antiguidade) e de operação (época clássica) para se passar a valorizar a percepção como « actividade ». Assim, « as teorias modernas da percepção procuram descobrir o que ela é em si mesma, como actividade, e não como instrumento (como na Antiguidade) ou como operação (época clássica) » (Simondon, 2006: 73).

Para Simondon o lugar da percepção no pensamento ocidental só pode ser entendido no âmbito do debate grego. Ou seja, é apenas com o abandono da poesia, ritos e mitos como fonte do conhecimento que a percepção, numa lógica cognitiva, ganha um estatuto central. O contexto transcultural das cidades gregas talvez explique esta mudança.

Simondon descreve [...] a situação ‘transcultural’ destas cidades da Iónia onde se encontravam navegadores, negociantes e architectos estendendo a sua actividade em todo o mundo mediterrâneo e mostra como esta ‘universalidade operatória’ não podia satisfazer-se com as estruturas cognitivas de uma cidade particular, em que a poesia, os mitos ou os ritos não são, por definição, indefinidamente ‘dilatáveis e enriquecidos’ (Barbaras, 2006: xi).

Concluindo, Simondon coloca a questão de uma outra forma, desloca o problema para outro território: a percepção é uma acção que constitui a relação mais importante do homem com o seu meio. Insiste-se nesta ideia de acção que a remete para a vida e para o corpo biológico. Tal como afirma Barbaras, a percepção é definida « como a modalidade originária da relação de um ser vivo com o seu meio, a forma como o ser entra em contacta com o meio ». Assim, “a percepção é acima de tudo um modo de exploração”. (Barbaras, 2006: ix-x).

Conclusão

A sociedade da imagem em que vivemos, sendo, através dos ecrãs, um conjunto de ligações aditivas, devém numa sociedade de controlo modulatório. A experiência da imagem-ecrã caracteriza-se cada vez mais pelo empobrecimento da experiência perceptiva ou por uma alucinação colectiva semelhante ao que se passa nas experiências dos alucinogéneos. Uma sociedade do controlo que funciona cada vez mais por controlo contínuo e por comunicação instantânea, em fluxo, deixando de ser tão relevantes os tradicionais «encerramentos» das sociedades disciplinares, havendo uma passagem de uma dependência espacial a uma dependência temporal contínua. Em muito do que fazemos e do que é feito connosco, do que percebemos e do que pensamos, dificilmente conseguimos estar separados dos ecrãs e da sua experiência perceptiva. Aquilo que é referido por vários autores como a pressão para estarmos permanentemente em conexão, modo conectivo do capitalismo.

Por isso, defendemos, neste texto, que os modelos tradicionais de estudo inspirados no paradigma linguístico começam a entrar em crise. Há como que um “esquecimento do corpo” no campo perceptivo. Esta dificuldade insere-se numa crise da qual só se pode sair colocando em causa noções herdadas no surgimento do iluminismo e do racionalismo, através de um pensamento “inumano”, não antropocêntrico. Desta forma, foram sugeridas duas vias alternativas: por um lado, optar por uma história de longa duração que nos permita rever o tipo de codificação moderna das ligações; por outro, adoptar uma nova concepção do humano, assente numa nova relação entre ciência do físico e do social.

Os modelos tradicionais de estudo dos fenómenos do ecrã estão ainda muito dominados pelo paradigma linguístico ou pelo modelo dos *cybers-tudies* ligados ao social. Neste artigo, defendeu-se uma alternativa baseada na ligação entre percepção e corpo.

“A cada instante, nas relações entre seres humanos, são os milhares de imagens nuas que constituem a percepção do rosto e do corpo do outro que transportam significações mudas e informações muito mais ricas do que as mensagens verbais” (Gil, 1996: 15).

Como consequência, deve dar-se uma maior atenção aos fenómenos ligados ao corpo e respectivas mudanças perceptivas. O recurso a perspectivas interdisciplinares torna-se, sem dúvida, obrigatório de acordo com a via aberta por autores como Perniola, José Gil e Simondon.

Referências bibliográficas

- Barbaras, Renaud (2006) *Préface* in Simondon, Gilbert (1964-1965), *Cours sur la Perception*, Chatou: Les Éditions de La Transparence.
- Bergson, Henri (2001) *L'Évolution Créatrice*, Paris: Presses Universitaires de France.
- Gil, José (1996) *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções. Estética e Metafenomenologia*, Lisboa: Relógio d'Água.
- Leroi-Gourhan, André (1964) «*Le Geste et la Parole*», *Technique et Language*, Vol. 1, Paris: Éditions Albin Michel.
- Massumi, Brian (2002) *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation (Post-Contemporary Interventions)*, Durham and London: Duke University Press.
- Merleau-Ponty, Maurice (1964) *Le Visible et l'Invisible*. Paris: Gallimard.
- Neves, José Pinheiro (2008) «*A experiência perceptiva e os ecrãs: novas perspectivas de investigação*», *Revista Logos*, n.º 29, pp. 86-94.
- Perniola, Mario (1998) *A Estética do Século XX*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Perniola, Mário (2004) *O Sex Appeal do Inorgânico*. Coimbra: Ariadne Editora.
- Simondon, Gilbert (1989) *L'Individuation Psychique et Collective*. Paris: Aubier.
- Simondon, Gilbert (2006) *Cours sur la Perception (1964-1965)*. Chatou: Les Éditions de La Transparence.
- Virilio, Paul (1988) *La Machine de Vision*. Paris: Éditions Galilée.